

# **IMAGENS ERÓTICAS NAS AULAS DE ARTES**

**Charles Farias Siqueira**

Professor da Escola José Bizerra de Britto

Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino da Arte – NEPEA/Escola de Artes Reitora Violeta Arraes/URCA  
Pesquisador do Grupo de Pesquisa “Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos” – GPEACC/Escola de Artes Reitora

Violeta Arraes/URCA/CNPq

**Fábio José Rodrigues da Costa**

Professor Adjunto do Departamento de Artes Visuais da Escola de Artes Reitora Violeta Arraes/URCA

Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino da Arte – NEPEA/Escola de Artes Reitora Violeta Arraes/URCA

Líder do Grupo de Pesquisa “Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos” – GPEACC/Escola de Artes Reitora  
Violeta Arraes/URCA/CNPq

## **1. Introdução**

O Projeto Raízes Figurativas iniciou a partir da apreciação pelos alunos das reproduções Casamento no Sertão, Boi, Casal de Cangaceiros do Mestre Vitalino; (Olaria, 1966) da Djanira da Motta e Silva e a instalação<sup>1</sup> da artista visual Josely Carvalho na exposição “entre telhas: Josely Carvalho”.

Com a intenção de promover experimentações artísticas individuais e/ou coletivas através das variedades e propriedades do barro, o projeto buscou estabelecer diálogos com os saberes estéticos/artísticos dos alunos/as e suas conexões com as produções locais e a diversidade de elementos que compõem as artes visuais da contemporaneidade tanto do contexto local, regional, estadual, nacional e/ou internacional.

O projeto contou com a participação de sessenta e quatro alunos, sendo 21 do 7º ano e 43 do 8º ano, ambos do Ensino Fundamental II da Escola Professor José Bizerra de Britto localizada no distrito de Ponta da Serra do município de Crato/Ceará, durante o segundo semestre de 2007.

Os únicos espaços para produção e armazenamento das cerâmicas eram a sala de aula, o depósito da escola e a sala de multimeios. A sala de multimeios é um espaço reservado para exibição de material audiovisual disponíveis na escola como também no tombamento, o empréstimo e controle de livros, o cadastro dos alunos para retirada dos mesmos e acompanhamento das pesquisas.

Tendo como eixo orientador a Proposta Triangular e suas dimensões cognitivas: contextualizar, apreciar e fazer, procurando uma proposta de ensino-aprendizagem em que o aluno se torne um leitor de imagens elaborando e reelaborando seu discurso visual, sistematizamos a experiência a partir do contato com o barro, já que a maioria dos alunos/as

---

<sup>1</sup> Instalação feita com telhas cerâmicas.

são oleiros ou filhos de oleiros e alguns vivem financeiramente da produção da cerâmica utilitária das olarias industriais.

O primeiro contato com as reproduções das obras do Mestre Vitalino se deu a partir da apreciação de um documentário (*A Herança do Mestre Vitalino*).

Como não sendo possível o contato direto com o trabalho original do Mestre Vitalino, captamos as imagens pela internet e visualizamos pela televisão. E a produção Olaria (1966) da Djanira da Motta e Silva, apropriamo-nos de uma reprodução em papel. Já a interação com uma parte do trabalho da artista Josely Carvalho concretizou-se durante a visita ao CCBNB Cariri.

As leituras dos alunos/as desses artistas contribuiu para a redução de preconceitos do que se compreendia por Arte. Muitos deles tinham a compreensão que só as reproduções das obras editadas nos livros didáticos eram Arte.

## 2. Reflexões sobre a Sexualidade

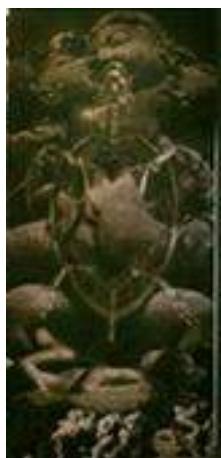


Fig.1 - Reprodução de Gravura exibida na exposição

Em novembro, após as visitas a exposição “entre tellas: josely carvalho”, os alunos do 9º ano comentaram sobre suas impressões a respeito do trabalho da artista, em especial, as gravuras. A gravura que causou uma alvoroço entre os alunos/as representava uma cena erótica.

Também na sala de aula, na confecção de suas peças uma despertou curiosidade. A escultura em formato de pênis produzida por um aluno provocou agitação.

E para a Direção Escolar despertou alguns tabus da sexualidade. Sendo a peça removida pelo próprio diretor.

A presença de imagens eróticas que persuadiam ao sexo ou a sexualidade para os adolescentes durante o projeto sempre foi uma inquietação, por estarem numa fase de conhecer o corpo e o corpo do outro.

Consultamos o diretor para saber os motivos que não permitiu apreciar a escultura. A resposta que obtivemos: “é que as famílias da comunidade não poderiam saber daquele objeto”.

Esta atitude demonstra a falta de ações educativas que tratem das manifestações sexuais e da sexualidade dos alunos e alunas, que estes tenham o direito de conhecer as

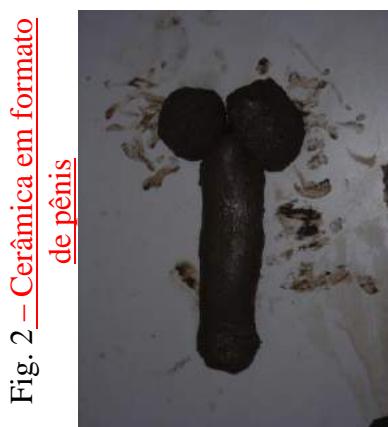


Fig. 2 – Cerâmica em formato de pênis

alterações no seu corpo, no corpo do outro e os problemas atuais da sexualidade. “As manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola” (PCN, 1997). Segundo, ainda, os Parâmetros Curriculares Nacionais

Muitas escolas, atentas para a necessidade de trabalhar com essa temática em seus conteúdos formais, incluem Aparelho Reprodutivo no currículo de Ciências Naturais. Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas a anatomia e fisiologia do corpo humano. (PCN, 1997, p.112)

A sexualidade para esses profissionais ainda é tratada como conteúdo exclusivo das aulas de Ciências e as situações didáticas ficam resumidas a repetição de informações dos órgãos sexuais, a qual não garante uma orientação sexual, uma compreensão das dimensões da sexualidade, das identidades sexuais.

Diante desse contexto o projeto abriu um link para a experimentação, ou seja, por meio do barro como matéria-prima os alunos/as foram elaborando suas narrativas tendo a sexualidade e a identidade sexual como eixo.

Com o reinicio das aulas em fevereiro de 2008, percebendo a pertinência deste conteúdo, propusemos a continuidade do projeto, pois segundo seus diários de bordo:

“Enfim, o projeto raízes figurativas é muito bom, por que nos mostra informações importantes sobre trabalhos de arte” (F.G. 9º B). “Eu achei muito interessante aprender a fazer objetos de barro porque eu mesmo não sabia nada de barro é e porque eu moro no sítio e porque toda vez que eu ficava querendo fazer mãe brigava e eu também nunca tinha feito nada de barro” (M. 9º B). “porque vai ser muito divertido trabalhar fazendo artes de cerâmica” (L.P. 9º Tardé).

Retomamos o projeto, agora atendendo 43 alunos do 8º ano “C” e 37 do 9º ano “B”, na faixa etária de 13 a 16 anos de idade. A maioria destes tinha vivenciado o projeto no ano anterior.

Assim propomos uma reflexão a partir da fotografia do pênis. Nas palavras de Barbosa (1997), “Para sistematizar o conhecimento era necessário, como num laboratório, provocar a experiência em sala de aula, explorá-la e sistematizá-la”. (p.27)

Observamos os registros do projeto (fotos e diários de bordo) e a exibição de algumas cerâmicas. Debatemos se concordariam em continuar o projeto, por unanimidade todos consentiram.

No 8º ano também empregamos o mesmo procedimento didático. Devolvemos algumas cerâmicas produzidas (a escultura em formato de pênis, a única peça desaparecida, não foi entregue). De imediato um aluno perguntou, “Cadê a peça de Raul?”. Ainda nesta semana, coordenamos uma equipe para obtenção de barro para a próxima aula. Terminamos com a construção do diário de bordo.

As expressões da sexualidade, assim como a intensificação das vivências amorosas, são aspectos centrais na vida dos adolescentes. A sensualidade e a “malícia” estão presentes nos seus movimentos e gestos, nas roupas que usam, na música que produzem e consomem, na produção gráfica e artística, nos esportes e no humor por eles cultivado. (PCN, 1998, p. 296)

Na semana seguinte, antes de iniciar a aula, os alunos estavam curiosos com a ausência de uma colega. A colega de apenas quinze anos de idade que esteve experimentando o projeto tinha desistido dos seus estudos, a agitação estava associada a sua gravidez precoce. “A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles”. (ibidem, p. 292)

Em face a esta situação, os alunos/as estavam em dúvida sobre essa mudança de vida da ex-colega. Propomos que todos escrevessem no caderno todas as dúvidas quanto a este assunto, já que neste momento nenhum se dispôs a perguntar oralmente. Recolhi as suas impressões transcritas numa folha de caderno e terminamos com a construção do diário de bordo.

A necessidade dos alunos/as em compreender as mudanças hormonais, a gravidez precoce, o aborto, o homossexualismo, o preconceito quanto ao gênero, entre outros, proporcionou a continuidade da experimentação, agora analisando uma produção construída por um aluno.

Consultamos a coordenação da escola para disponibilizarem os recursos didáticos disponíveis para uma orientação sexual, pois não tínhamos uma atualização no sentido de promover uma orientação de crianças e adolescentes. Só conseguimos cinco fitas de vídeos VHS de documentários e os Parâmetros Curriculares Nacionais do 5º ao 9º ano.

Se a escola que se deseja deve ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário que ela reconheça que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar, que integra as diversas dimensões do ser humano envolvidas nesse aspecto. (PCN, 1997, p. 114)

Apropriamos-nos desses subsídios didáticos e sistematizamos a experiência no objetivo de provocar suas manifestações sexuais através do contato com o barro. Nesta perspectiva propomos para o nono ano a construção de peças no formato de seus órgãos genitais ou o que entendem por sexo. Nas palavras, “Portanto, qualquer conteúdo, de qualquer natureza visual ou estética, pode ser explorado, interpretado e operacionalizado através da Proposta Triangular”. (Barbosa, 1998, p. 38)

### **3. Imagens Eróticas nas Aulas de Artes**

Os alunos/as trouxeram o barro para a prática. Um aluno trouxe uma pequena quantidade de barro de telha e outro trouxe uma grande quantidade de barro de tijolo. Organizamos a sala com todos os materiais necessários, jornais, mesas e um balde com água.

Avaliamos a qualidade e a consistência das duas massas dispostas nas mesas para seguir a aula. Chegamos à conclusão de que o barro de telha tinha mais qualidade na produção dessas peças do que o barro de tijolo.

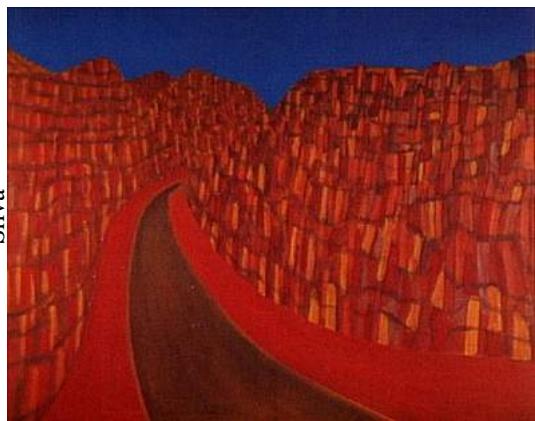
Isto demonstrou que os alunos só iriam apreciar a qualidade da cerâmica, quando experimentarem significamente a consistência do barro de telha e o barro de tijolo. “A experiência artística, o fazer artístico, o trabalho com materiais da Arte, é fundamental, segundo Dewey, para desenvolver as capacidades de produção – apreciação que constitui a experiência significativa em qualquer área”. (Ibidem, p. 23).

Algumas alunas por muita ansiedade esculpiram alguns objetos e antes de secar a massa, já incorporavam tinta guache. Essas alunas, que não tinham vivenciado o projeto, concluíram as peças sem compreender o processo da cerâmica, sistematizado e experimentado pelos colegas no ano anterior. Os que não adicionaram guache nas suas produções tinham superado esta dúvida em outra experiência.

Neste momento um aluno resistiu e não quis esculpir, julgou que não queria se “sujar”. Então experimentou numa folha A3, lápis HB e guache, o desenho de um auto-retrato. Outros resistindo ao contato com o barro de telha, tomaram a iniciativa de desenhar/pintar também seus auto-retratos. Encerramos a situação didática com a construção dos diários de bordo.

Na semana seguinte com o oitavo ano, começamos com a visualização da reprodução da obra (Itaipava) da Djanira da Motta e

Fig. 3 - Reprodução da obra  
Itaipava (s/d) da Djanira da Motta e  
Silva



da Motta e Silva, analisamos os elementos formais, apontando várias possibilidades representacionais daquela imagem. A turma disposta em círculo na sala de multimeios foi lançando idéias tais como: a imagem representa o Grand Canyon, tijolos, blocos, barro, estrada com duas paredes, fábrica, tijolos de bloco.

Nesta mesma turma, sugeriram como proposta de produção de cerâmica “A arte do barro”. Encaminhamos a primeira exploração do barro, amassando e retirando as impurezas agregadas a ela. Fazendo contornos na peça ainda “verde”, experimentamos com a ponta de lápis e palitos.

Alguns sentiram resistência no contato com o barro, mas aos poucos, se apropriaram da massa. Preparamos as mesas, os jornais e o balde com água. Construíram diversas peças e manifestaram a preocupação com a estética, com a seguinte expressão “Tá bonito?”. Quando se trata da construção de seu próprio trabalho, alguns se detém na atribuição de um juízo estético. A aula seguiu com a limpeza das mesas e piso, armazenamento das peças numa caixa de papelão e construção do diário de bordo.

Já no nono ano, foram encaminhadas mais experimentações. Desta vez, apreciamos as fotos da última situação didática. Na medida em que líamos as imagens pelo televisor, nos divertimos e interagímos com as nossas cerâmicas através do diálogo com as expressões de suas sexualidades.

Apenas um aluno, ao apreciar a escultura, ignorou-a e atestou: “Isso é feio! Essas coisas são feias! Quero estudar outra coisa!”. Ausentou-se rapidamente da sala e foi experimentar outras atividades curriculares.

Neste momento uma aluna sugeriu experimentar a máquina fotográfica digital, pois segundo a mesma já conhecia o processo de registro de fotografia.

Na semana seguinte no oitavo estávamos com uma quantidade considerável de cerâmicas para ser aplicada tinta látex branca. Quem fez a sua peça incorporou a tinta, quem tinha extraviado a sua peça, reiniciou um novo trabalho.

No entanto, as aulas de artes neste semestre foram reduzidas devido a insuficiência de recursos, a realização de provas bimestrais, os jogos interclasses e outras programações do calendário escolar.

Retomamos a experimentação em outubro com o oitavo ano com a mesma temática sugerida “A arte do barro”. Fizeram bonecas, panelas, máscaras e bolas.



Fig. 4 - Fotografia registrada por uma aluna.



Para o nono ano preparamos uma visita a exposição “O Inferno de Dante”, na galeria do Serviço Social do Comércio – SESC/Crato. Esta exposição que esteve aberta de 07 a 31 de outubro estabeleceu uma troca de idéias, pois permitiu apreciar cerâmicas de um artista da região do Cariri. Para o oitavo ano não foi possível a visita.

As doze esculturas do artista Francisco dos Santos foram apreciadas, causando mais inquietude entre alguns, pois algumas delas representavam posições eróticas.

Seguimos para a escola. E depois da visitação, na sala de aula, retomamos com uma reflexão sobre as cerâmicas da exposição procurando conhecer o nome das esculturas.

#### **4. Conclusões**

As possibilidades de experimentação nas aulas de arte não cessam, cada vez mais dialogamos com a variedade de imagens eróticas que enriquecem as nossas percepções, sejam através de gravuras, esculturas, desenhos, através da mídia ou em outros veículos da comunicação. O Projeto Raízes Figurativas permitiu valorizar cada vez mais o Ensino da Arte, ampliando a compreensão das manifestações da sexualidade.

O projeto permitiu identificar as dificuldades de aprendizagem dos alunos/as desta disciplina como em outras do currículo escolar, o acesso a produção artística ou não da comunidade local, a organização do ensino desde o planejamento até a avaliação, a apropriação dos recursos para a pesquisa, o diálogo com os alunos mais tímidos, a organização das visitas orientadas pelo CCBNB – Cariri com os alunos aos espaços artísticos e o desfrutar de suas manifestações sexuais.

O projeto ainda em experimentação é um roteiro para uma sistematização de um ensino em que os alunos se tornem leitores de imagens, através dos três processos interligados o fazer, o ler e o contextualizar, contribuindo para a nossa humanização.

#### **5. Bibliografia**

- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte, C/Arte, 1998.  
 BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997. v.10: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual – Temas Transversais.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (5º a 9º anos).** [PDF] Brasília, 1998. Orientação Sexual.

SIQUEIRA, C. F. e COSTA, F. J. R. **Ver e Ler Imagens: Uma Abordagem Didático – Pedagógica.** Imaginar, Porto - Portugal, v. 45, p. 18 - 20, 01 dez. 2005.